

## TORNAR-SE MESTRE DE CAPOEIRA EM LONDRES

# Mestre Fantasma e a realocização da capoeira na Europa

**Daniel Granada**

*Université de Paris Ouest – Nanterre La Défense / University of Essex<sup>1</sup>*

*Antropólogo - Doutor em Antropologia e História*

*Professor de Antropologia, CCHS - Univates – RS – Brasil*

### Resumo

A partir da trajetória do capoeirista britânico Simon Atkinson, o artigo explora a apropriação da prática da capoeira, uma arte marcial de origem afro-brasileira, da perspectiva de um praticante “nativo”. Fruto de uma pesquisa de doutorado concluída em 2013, o artigo mostra as especificidades e obstáculos encontrados por um não brasileiro para se impor neste mercado. Esta perspectiva busca privilegiar os atores na formação de um “campo social transnacional”, neste caso associado à prática da capoeira. O líder do grupo East London Capoeira é, provavelmente, o primeiro britânico praticante de capoeira angola a ser reconhecido mestre desta modalidade de capoeira que se reivindica como a “mais tradicional” em Londres em 2010. Possivelmente é o primeiro europeu a tornar-se mestre nesta modalidade. Este processo é atravessado por problemas associados à legitimidade e autenticidade de praticantes não brasileiros. A narrativa de Mestre Fantasma evidencia as tensões e as relações de poder dentro da prática da capoeira na Europa, num mercado dominado pelos brasileiros para os quais a capoeira constitui muitas vezes a única fonte de recursos. A realocização da capoeira é, assim, analisada sob a perspectiva do praticante local que se apropria dela e a traduz para seu contexto.

**Palavras-Chave:** Transnacionalização. Capoeira. Relocização.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de uma tese defendida em 2013 na Université de Paris Ouest Nanterre La Défense e realizada em cotutela com a University of Essex sob a direção de Stefania Capone e Matthias Röhrig Assunção. Esta pesquisa foi possível graças à bolsa de cotutela e tese da Université de Paris Ouest Nanterre La Défense, à bolsa de cotutela de tese dispositivo SETCI (Soutien à l'Encadrement des Thèses en Cotutelle Internationale) atribuída pelo Conseil Régional d'Ile de France e do Bragan Fund do Departamento de História da University of Essex.

## Abstract:

From the trajectory of British capoeirista Simon Atkinson, the article explores the appropriation of the practice of capoeira, an Afro-Brazilian martial art form, from the perspective of a “native” practitioner. Result of a doctoral research completed in 2013, the article demonstrates the characteristics, obstacles and the mechanisms employed by a non-Brazilian to ensure its legitimacy in this market. This approach seeks to privilege the actors in the formation of a “transnational social field”, in this case associated with the practice of capoeira. The leader of the East London Capoeira group is probably the first British practitioner of capoeira Angola to become recognized as master of this modality of capoeira that claims to be the “more traditional”. He is possibly the first European to have become *mestre* of capoeira angola. Beyond this process there are problems related to the legitimacy and authenticity of non-Brazilian practitioners. The narrative of Mestre Fantasma reveals the tensions and power relations within the practice of capoeira in Europe, a market dominated by Brazilians for which capoeira is often the only income. The relocation of capoeira is therefore analyzed from the perspective of the local practitioner who appropriates and translates it to its context.

**Keywords:** Transnationalisation. Capoeira. Relocation.

É provável que a primeira onda de expansão da capoeira fora do Brasil seja em grande parte, devida à circulação internacional de grupos que realizavam apresentações folclóricas e que incluíam capoeiristas entre seus membros. No entanto, outros capoeiristas, através de iniciativas individuais e buscando melhores condições de vida e trabalho no exterior, foram para os países do Norte e descobriram na prática da capoeira uma fonte potencial de renda. Assunção (2005, p.187-8) observa que o primeiro a ensinar capoeira no velho continente foi provavelmente Mestre Nestor Capoeira.<sup>2</sup> Ele chegou a Londres em 1971 e ensinou capoeira durante um ano em uma academia de dança. Em seguida viajou pela Europa por três anos, período durante o qual ele trabalhou em várias cidades, antes de voltar ao Brasil.

<sup>2</sup> Conservo a forma utilizada nos grupos de capoeira para designar o capoeirista reconhecido como “mestre” por outros grupos por entender que esta categoria “nativa” possui uma significação simbólica particular neste meio.

Após este momento inicial, a instalação da capoeira no Reino Unido conta com a participação importante de Sylvia Bazarelli, que funda o grupo London School of Capoeira e se constitui na primeira escola oficialmente constituída no Reino Unido.<sup>3</sup> Outro praticante que acompanhou e participou ativamente do desenvolvimento da capoeira no país desde seus primórdios foi Simon Atkinsons, o Mestre Fantasma. O caso de Fantasma e sua apropriação da capoeira descritos neste artigo demonstra que o processo de expansão da capoeira fora do Brasil não pode ser exclusivamente reputado à emigração de brasileiros para o exterior, mas deve ser entendido como um processo complexo em que os atores locais desempenham um papel importante na difusão e manutenção da expansão da prática.

Mestre Fantasma poderia ser visto como um mestre de capoeira improvável. Inglês com o típico humor britânico e de uma aparência que em face dos jovens de penteado rasta que invadiram as rodas de capoeira nos últimos anos, poderia ser considerado como um capoeirista incongruente. No entanto, Fantasma foi reconhecido por seu mestre, Marrom do Rio de Janeiro, como mestre de capoeira em 2010, de uma “linhagem” que se reivindica como a mais “tradicional” da capoeira, a capoeira angola.<sup>4</sup> O debate sobre a construção da “tradição” e “autenticidade” nas escolas de capoeira angola contemporâneas e o contraste com os grupos de capoeira regional, de acordo com Vassalo (2005), passa pela apropriação e ressignificação de conteúdos considerados como “africanos” pelos seus praticantes. Através do estudo de dois grupos de capoeira que se reivindicam pertencentes à Escola Pastiniana (Idem, p. 162) a autora demonstra que a identidade coletiva destes grupos é construída sobre elementos se associam à reconstrução de laços que religuem seus praticantes a uma África mítica, construída a partir do Brasil e de seu contexto presente.<sup>5</sup> Este debate encontra reflexos mesmo dentro do processo

---

<sup>3</sup> Em minha tese dedico um capítulo à LSC analisando a trajetória de Mestre Sylvia e a importância das mulheres no processo de realocização da prática da capoeira no Reino Unido (Cf. FERREIRA, 2013, p. 194-222).

<sup>4</sup> Para uma perspectiva histórica da construção das diferentes linhagens da capoeira ver Assunção, 2005. Vassalo, 2001, 2002, 2003 oferece uma perspectiva antropológica da importância dos intelectuais na formação da capoeira contemporânea e a importância dos intelectuais neste processo de construção.

<sup>5</sup> Escola Pastiniana faz referência ao legendário Mestre Pastinha, considerado como o “guardião da capoeira angola” a construção da sua imagem como símbolo da capoeira tradicional é explorada por Vassalo (2002; 2003).

de patrimonialização da prática da capoeira, como explica Vassalo (2009), se os praticantes convergem na apreciação de que a prática constitui um patrimônio cultural, as questões relativas à categorização como prática brasileira ou afro-brasileira suscita calorosos debates e posições contrárias entre os praticantes de acordo com a linhagem com a qual se identificam.



*Mestre Fantasma em Londres, junho de 2011*

O caso de Mestre Fantasma e seus alunos demonstra que existem, dentro do processo de transnacionalização da prática da capoeira, outros elementos que podem ser acionados na construção da autenticidade, o que faz com que enquanto não brasileiro e não podendo reivindicar um pertencimento étnico afrodescendente, Fantasma tenha que utilizar estratégias de diferenciação

dentro deste mercado. Mesmo que alguns de seus pares ainda encontrem dificuldades em reconhecer seu título e apresentá-lo como mestre em rodas de capoeira, é inegável o fato do reconhecimento de seu mestre, que fez dele o primeiro mestre britânico de capoeira angola e, possivelmente, o primeiro europeu reconhecido como mestre desta modalidade.

Simon Atkinson, o Mestre Fantasma, é o líder das atividades de East London Capoeira, que tem como sede o Centro Comunitário Hackney Geffrye. No período desta pesquisa, o grupo contava com cerca de doze alunos adultos regulares, também havia oficinas para crianças, frequência dos alunos aos treinos e rodas é variável.

Este artigo visa, a partir da história de vida do Mestre Fantasma, pesquisa etnográfica multissituada (MARCUS, 1995, 2002) realizada entre 2009 e 2011 e entrevistas formais e informais com Fantasma e seus alunos, analisar as questões relativas à deslocalização da prática da capoeira do Brasil e sua consequente realocação no Reino Unido.<sup>6</sup> Por realocação entendemos o processo de apropriação e a capacidade de ação (*agency*) dos praticantes, com o objetivo de aclimatar a prática a prática da capoeira, transformando-a em versões locais e regionais adaptadas e apropriadas criativamente dentro dos contextos nos quais os agentes operam. Esta estratégia busca mostrar de que forma Fantasma constrói sua legitimidade face aos outros grupos para realizar sua inserção neste mercado. A noção da existência de um “mercado da capoeira” ou um “campo social transnacional da capoeira” repousa na ideia da constituição de um mercado, onde um campo ou um mercado podem ser vistos como um espaço estruturado de posições dentro do qual estas posições e as interações que delas decorrem são determinadas pela distribuição das diferentes formas de recursos ou “capitais” (BOURDIEU, 2002, p.113-20). Bourdieu assinala que: *“pour qu’un champ marche, il faut qu’il y ait des enjeux et des gens prêts à jouer*

<sup>6</sup> Ao longo do artigo deste artigo decidi manter as citações das entrevistas na língua original com as devidas traduções em notas de rodapé. Os problemas associados à transcrição das entrevistas e à elaboração da escrita a partir do relato dos entrevistados, bem como os problemas decorrentes da transcrição das entrevistas (THOMPSON, 2000 : 257-264) foram objetos de reflexão neste trabalho. Visto a impossibilidade de dar conta da complexidade dos relatos, com suas pausas entonações e erros, ou seja, transcrever exatamente aquilo que foi dito oralmente, a alternativa empregada foi a de reordenar os relatos com o objetivo de manter o seu sentido e não necessariamente sua forma.

*le jeu, dotés de l'habitus impliquant la connaissance et la reconnaissance des lois immanentes du jeu, des enjeux etc.*<sup>7</sup> (Idem, p.114). Levitt et al. (2004, p.1009) utilizam o termo “campo social” como “um conjunto de redes interconectadas de relações sociais através das quais as ideias, as práticas e os recursos são trocados, organizados e transformados de forma desigual” (tradução do autor). Neste artigo o emprego do termo “mercado” ou “campo social” ligado à prática da capoeira, coloca em relevo as disputas existentes entre os diversos grupos de capoeira em Londres evidentemente que estas disputas não são somente com relação a dinheiro, mas poder e reconhecimento entre os praticantes. A existência destas disputas não impede também a colaboração entre capoeiristas e grupos que atuam na cena local e transnacional da capoeira.

A análise detalhada da trajetória do Mestre Fantasma auxilia em uma melhor compreensão sobre como as relações de poder afetam a organização da capoeira fora do Brasil e coloca em evidência os mecanismos utilizados na construção da autenticidade e legitimidade dentro do grupo, bem como as relações com os outros grupos no contexto local. Esta perspectiva é parte de um esforço para focar os atores na criação de um “campo social transnacional” (LEVITT et GLICK-SCHILLER, 2004; GLICK-SCHILLER, 2010; CAPONE, 2010), associado aqui, é claro, à prática da capoeira.

### **A transnacionalização da capoeira**

A noção de transnacionalização é importante para os estudos sobre a capoeira fora do Brasil porque não se trata mais de compreender a expansão da prática estando exclusivamente associada a um movimento migratório, mas igualmente a existência de redes sociais complexas que foram estabelecidas ao longo dos últimos anos entre brasileiros e não brasileiros, tanto no Brasil como alhures. Esta noção tem sido utilizada nos estudos sobre a capoeira fora do Brasil para designar fenômenos associados à imigração de brasileiros e a consequente circulação de bens e de ideias através das fronteiras nacionais. Estes estudos colocam em evidência relações entre o campo “cultural” e o “político”

<sup>7</sup> Tradução do autor: “Para que um campo funcione é preciso que existam desafios e pessoas dispostas a desempenhar seus papéis no jogo, dotadas de um habitus que implica o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos desafios etc.”

dentro de diversos contextos nacionais, bem como as implicações identitárias e as relações de poder decorrentes do encontro entre praticantes brasileiros e praticantes locais no Canadá (JOSEPH, 2008, 2008a), na França (FERREIRA, 2005, 2008, 2010, 2015 ; GRAVINA, 2010) e na Espanha (GUIZARDI, 2011, 2013), no Reino Unido (FERREIRA, 2015). Outro estudo recente analisa o impacto da transnacionalização desta prática no Brasil, com exigências crescentes sobre a legitimidade e profissionalização dos professores e mestres de capoeira (WESOLOWSKI, 2012).

Assunção (2005) foi um dos primeiros a evidenciar a amplitude do fenômeno da expansão da capoeira fora do Brasil e a problematizar o contato entre brasileiros e não brasileiros. Este tema também é tratado de forma sistemática por Delamont (2006), Delamont e Stephens (2007; 2008), Delamont et al. (2010) com relação aos grupos de capoeira no Reino Unido. Estes autores buscaram formas de escrita inovadoras sobre a prática da capoeira. Aceti (2013) também problematiza a realização da etnografia multissituada no estudo da capoeira e desenvolve as reflexões presentes em sua tese com relação às tensões entre o local e o global, bem como os desafios associados à desterritorialização e realocização da capoeira na Europa (ACETI, 2011, p. 238-9).

Como explica Capone (2010), será nos anos 1990 que o enfoque transnacional começa a ser afirmado no estudo sobre as migrações transnacionais. Esta nova forma de abordar os estudos migratórios coloca em evidência uma perspectiva dos migrantes, ou seja, uma perspectiva “*from below*”, “de baixo”, onde as redes familiares e os laços de amizade destes imigrantes ganham em visibilidade. Diferentemente da perspectiva das migrações internacionais, que coloca em evidência as trocas entre os Estados-nacionais o termo “transnacional” define toda atividade iniciada e promovida por atores não institucionais, sejam indivíduos ou grupos que cruzam as fronteiras do Estado-nação (CAPONE, 2010, p. 237). A noção de transnacionalização teria se expandido nos estudos antropológicos em razão do fato do interesse crescente dos pesquisadores com relação às trocas e aos fluxos de pessoas e de elementos culturais através das fronteiras (BASCH et al. 1994, p. 50).

## Estudos sobre a capoeira fora do Brasil

Os primeiros estudos que assinalaram a expansão da capoeira fora do País foram aqueles que trataram sobre a imigração brasileira nos Estados Unidos.<sup>8</sup> Geralmente associando a prática da capoeira com a do samba e batucada esses estudos mostraram, no entanto, que a capoeira era uma forma de manifestação de brasilidade pouco praticada pelos brasileiros. Os grupos eram compostos principalmente de praticantes locais, onde apenas o mestre e alguns poucos alunos eram brasileiros (MARGOLIS, 1994, p.307). Em seguida, os estudos pioneiros de Travassos (2000) sobre a capoeira nos Estados Unidos e os de Vassallo (2001) sobre capoeira na França se dedicaram exclusivamente à prática da capoeira e da sua apropriação fora do Brasil.

A expansão da capoeira fora do Brasil pode ser classificada em três etapas, sem uma temporalidade estritamente definida entre elas. Primeiramente, o integrante de grupos folclóricos que com relativo ou pouco conhecimento da prática da capoeira decide se lançar ao exterior e descobre na capoeira uma forma de inserção através da valorização positiva da identidade do país de origem.<sup>9</sup> Em seguida, a segunda fase pode ser caracterizada pelo capoeirista agora pertencendo a um grupo ou escola de capoeira no Brasil que se lança ao exterior sabendo que existe a possibilidade de sobreviver através da prática da capoeira estes capoeiristas se mantêm, geralmente, ligados ao grupo de origem no Brasil. A terceira etapa da transnacionalização da capoeira é caracterizada pela apropriação da capoeira pelo praticante local, não brasileiro, que se apropria da prática e opera verdadeiras adaptações ao contexto local. Mestre Fantasma e seus alunos representam e confirmam a terceira etapa da expansão da capoeira, o “capoeirista nativo”, que se apropria e opera a ressemantização ao contexto local.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Cf. MARGOLIS, 1994; MARTES, 1999; RIBEIRO, 1999; PENHA, 2001.

<sup>9</sup> Desenvolvo um debate sobre o emprego da noção de “identidade” em minha tese (cf. FERREIRA, 2013, p.54-57), como empregado aqui o uso do termo se referindo a processos inacabados de “construção identitária” ao invés de algo de fixo e imutável, compreendida como processos de relação flexíveis e maleáveis.

<sup>10</sup> Sobre o uso da categoria “nativo” em antropologia Appadurai conclui que o “nativo” é uma invenção da imaginação antropológica (cf. APPADURAI, 1988, p.39), a partir de outra perspectiva é possível interrogar a relação entre o “antropólogo” e o “nativo” na construção do saber antropológico e da relação existente entre ambos e enfim sobre a ideia de levar a sério o “nativo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.113-48).



## A trajetória

Fantasma é fruto da expansão da capoeira fora do Brasil. Praticante experiente de artes marciais ele explica que foi durante uma oficina que ele participou de seu primeiro curso de capoeira, ministrado por Mestre Gato em 1989, na cidade de New Castell:

It was in a castle outside the city, during a seminar martial art meeting with four martial art teachers, one was Gato. He was here on a scholarship with his work engineer studying water. There was no difficulty learning Capoeira. I was born in Southend. I was living there and learning there. I had a berimbau, a video. I trained in Harlow with the people from Gato. We travelled by car to meet in Harlow. At first it was two, then ten. I started to teach in a car park. I used to charge one pound. Once a year, Gato and Peixinho (1947-2011) came. I became the teacher because I already taught Karate, a bit of Boxing, sticks”.<sup>11</sup>

Ele se lembra de que nesta época, final dos anos 1980 e início dos anos 1990 ele não sabia sobre as atividades da London School of Capoeira (LSC).<sup>12</sup> Tampouco sabia de Mestre Ousado ou de Dimolinha, capoeiristas que davam aulas em Londres nesta época. Ele desconhecia a existência de aulas de capoeira na capital inglesa. Fantasma se interessou pela capoeira porque ele achava que ela era diferente de outros tipos de luta como o karatê e o kung-fu em que o praticante, segundo ele está restrito a certos movimentos. Para Fantasma a capoeira parecia mais inteligente porque o praticante poderia utilizar “qualquer movimento” e que era possível se esquivar também. Ele comenta que praticava a capoeira sem dificuldade alguma até encontrar os brasileiros que viviam no Reino Unido. Somente após este encontro é que os seus problemas começaram.

<sup>11</sup> Trad.: “Foi em um castelo fora da cidade, durante um seminário de artes marciais com a presença de quatro professores de artes marciais, um era Gato. Ele estava aqui com uma bolsa de estudo de engenharia hidráulica. No início não existia dificuldade alguma para aprender capoeira. Eu nasci em Southend eu estava lá e aprendia lá eu tinha um berimbau e um vídeo cassete de capoeira. Eu treinava em Harlow, com os alunos de Gato. Nós viajávamos de carro para nos encontrar em Harlow. Primeiramente dois e em seguida éramos dez. Eu comecei a ensinar em um estacionamento eu cobrava uma libra. Uma vez por ano, Gato e Peixinho (1947 – 2011) vinham. Eu me tornei professor porque eu já ensinava karatê, um pouco de boxe e luta de bastão”.

<sup>12</sup> A London School of Capoeira é a primeira escola de capoeira oficialmente instalada em Londres em 1988, criada e dirigida por uma mulher, Mestre Sylvia vinda do grupo Senzala da cidade de Santos no Estado de São Paulo.

Segundo Fantasma em 1992 foi organizado pela LSC um encontro em Londres para decidir o futuro da expansão da prática da capoeira no país. Nesta época, Fantasma afirma que não tinha consciência das questões políticas e identitárias da capoeira como aquelas encontradas em outras práticas como o karatê. Acompanhado de um grupo de praticantes ele se dirigiu ao espaço, pois pensava que todos participariam da roda de 17h que seria seguida do debate.<sup>13</sup> Ele relata que todos estavam bastante entusiasmados com a ideia de participar desta atividade, mas chegando à porta do espaço, os organizadores interromperam a roda de capoeira e informaram que eles estavam convidados a assistir, mas não a participar da roda. A decepção fora perceptível eles se retiraram e jogaram capoeira durante duas horas do lado de fora do espaço, Fantasma começa então a perceber que existem regras que estruturam este mercado, que nesta época começava a se estruturar fora do Brasil e onde os brasileiros lutavam pela exclusividade na condução dos cursos.

Com o tempo ele voltou a frequentar as rodas da LSC, até o dia em que um aluno inglês lhe disse que como ele era britânico ele não tinha o direito de dar aulas de capoeira. Por outro lado, Fantasma afirma ter tido o consentimento de outros capoeiristas para dar seus cursos, como Grego do grupo Muzenza que dava aulas na cidade. Fantasma se viu na necessidade de se afirmar enquanto não brasileiro em um mercado em que os brasileiros queriam a exclusividade. Na época ele trabalhava como cozinheiro, limpador de azulejos e permaneceu durante muito tempo desempregado.

Ele havia se mudado para Londres em 1992 e não dava mais aulas fazia seis meses, quando, segundo ele, alunos da LSC, de Dimolinha e de Ousado começaram a vir treinar com ele. Quando ele visitava as rodas as pessoas perguntavam onde ele treinava, para em seguida se juntar a ele nos parques da cidade. Em 1993, Fantasma foi pela primeira vez ao Brasil para treinar com Mestre Gato no Parque Lage no Rio de Janeiro.<sup>14</sup> Fantasma explica que eles não se entenderam bem porque ele buscava algo diferente do que Gato propunha:

<sup>13</sup> As rodas de capoeira são momentos de prática da atividade e que frequentemente são abertas à participação de convidados de outros grupos.

<sup>14</sup> O Parque Lage é um parque da cidade do Rio de Janeiro, tornado patrimônio histórico da cidade classificado pelo IPHAN em 1957 e que desde 1975 acolhe a Escola de Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro.

Gato was my reference. I get on with him now, but at that time there were some things I didn't like. I was looking for something out of capoeira that he wasn't giving me. He wanted me to wear abada, doing the belts and all this and, I was like, well, we are being part of the group, we don't want to do it, my students don't want it, I don't want it, no one wants it. So this became an issue, then I went with Marrom.<sup>15</sup>

Foi, portanto em razão das exigências de Mestre Gato com relação ao uso do uniforme e da adoção do sistema de cordas, típico da maior parte dos grupos de capoeira regional, que Fantasma decidiu procurar outro grupo. Foi assim que ele começou a se aproximar do grupo de Marrom. As relações de Fantasma com Marrom foram facilitadas pela intermediação de um aluno de Marrom chamado Ferradura, que tinha morado em Londres durante o ano de 1992. Fantasma e ele se tornaram amigos e ele contou para Marrom do interesse de Fantasma pela capoeira, o que o ajudou muito em sua relação com seu mestre.

Em 1993, o Brazilian Contemporary Art preparou um encontro com Mestre João Pequeno (1917 - 2011).<sup>16</sup> De acordo com Fantasma, os grupos inicialmente previstos para organizar as rodas teriam desistido no último momento em razão de problemas financeiros. Ele e seu grupo aproveitaram a ocasião e realizaram as rodas durante os quatro dias de oficina. Simon conta que ao final do evento, Mestre João Pequeno se aproximou dele e disse que ele deveria dar cursos de capoeira. Após este encontro, os alunos de outros grupos começaram a vir treinar com ele, afirma Fantasma.

Ninguém pode saber se esta situação realmente se passou desta maneira. De fato existe um princípio de base em todas as entrevistas e com os capoeiristas isso não é diferente: o informante pode querer enganar aquele que faz a entrevista, contando histórias que não se passaram exatamente desta maneira, ou mesmo criando fatos que nem mesmo tenham existido. No relato de seu passado, é

<sup>15</sup> Trad.: "Gato era minha referência. Eu estava com ele, mas, naquela época, tinha algumas coisas que eu não gostava. Eu estava procurando por algo na capoeira que ele não estava me dando. Ele queria que eu vestisse o Abadá, que utilizasse as cordas e, como eu fazia parte de um grupo, nós não queríamos. Meus estudantes não queriam fazer isso eu não queria, ninguém queria. Então isso se tornou um problema e eu fui para o Marrom".

<sup>16</sup> Mestre João Pequeno é um dos personagens mais conhecidos da capoeira, aluno direto do legendário Mestre Pastinha (1889 - 1981) reconhecido entre os capoeiristas como o "guardião da capoeira angola".

certo que o informante vai colocar em evidência certos aspectos e omitir outros, mas o pesquisador deve se dedicar a encontrar os significados simbólicos que os detalhes contados colocam em evidência (THOMPSON, 2000, p.164-165).

Para os capoeiristas, as divisões hierárquicas estilísticas e associadas a uma “genealogia” referente a ter sido aluno de um descendente legítimo de uma escola de capoeira que tornaria os capoeiristas legítimos ou não, são muito importantes e o pesquisador deve considerá-las uma vez em campo. O que é interessante no relato de Fantasma é seu esforço para afirmar que Mestre João Pequeno, aluno direto de Mestre Pastinha, uma das figuras mais reconhecidas da capoeira, lhe tenha expressamente autorizado a dar aulas de capoeira após somente quatro dias de oficinas com ele. Mais importante que a veracidade dos fatos, é a prova que Fantasma conhece bem as regras que estruturam o mercado da capoeira e que ele se submete. Ele deseja, deste modo, confortar sua posição de professor de capoeira, graças à apreciação positiva de Mestre João Pequeno, tentando convencer seu interlocutor que ele tenha de fato recebido a autorização para dar aulas, de um legítimo representante da capoeira “tradicional” da escola de Mestre Pastinha.

A crença nesta regra, que determina que todo o praticante de capoeira seja autorizado a dar aulas por um praticante tido como legítimo, constitui a base sobre a qual se instala o controle dentro da prática da capoeira. O poder e o prestígio são negociados com base no pertencimento e no reconhecimento, onde os indivíduos estabelecem laços que vão validar sua prática e que vão garantir seu lugar entre os legítimos protetores desta arte.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Seria possível utilizar a palavra “carisma” conforme Weber (2006, p. 81) como um don associado ao objeto ou à pessoa entretanto o conceito de “poder simbólico” de Bourdieu (2001, p. 210) reforça a característica que este poder não é intrínseco, mas que estabelece sua legitimidade sobre o reconhecimento da parte dos subordinados, portanto ele é constituído dentro das relações sociais. O prestígio, por sua vez, faz referência ao reconhecimento dentro de cada grupo social, que estabelece relações hierárquicas que classificam cada indivíduo em sua capacidade de incarnar nas suas aspirações e comportamentos, os valores essenciais destes grupos (LENCLUD e MAUZÉ, 2004, p. 600).

## O reconhecimento dos outros<sup>18</sup>



*Reconhecimento do título de Mestre Fantasma*

Questionado sobre a forma como ele havia vivido a honra de se tornar o primeiro Mestre de capoeira anglo britânico formado na Europa, Fantasma afirma que a decisão de Mestre Marrom foi uma grande surpresa. Ele pressentia que Marrom queria tomar uma decisão neste sentido, mas como após nove anos ele não tinha mais conseguido ir ao Brasil este reconhecimento tinha sido postergado.

Como os “graus de distinção” na capoeira se baseiam sobre o reconhecimento público do estatuto individual em face de outros praticantes ou grupos de capoeira, a presença de outros mestres de capoeira que validam este reconhecimento é considerada muito importante.<sup>19</sup> Neste sentido, a presença

<sup>18</sup> Foto do reconhecimento do grau de Mestre Fantasma. Em pé com o berimbau Mestre Marrom no momento de tornar público o estatuto do novo mestre em julho de 2010 no pub Charlie Wrights Bar, 45 Pitfield Street, London N1, durante o “Urban Ritual”. Agradeço ao Mestre Fantasma e a Guy Roberts que me autorizaram formalmente a utilizar esta foto.

<sup>19</sup> Existem diferentes graduações dentro os grupos de capoeira que correspondem a diferentes direitos e obrigações dentro dos grupos e nas relações com outros grupos. Cada grupo ou linhagem cria seu próprio sistema de classificação, atualmente inspiradas em outros grupos com os quais se identificam. No grupo de Mestre Marrom estes graus são divididos da seguinte maneira: aluno, trenel, professor, contramestre, mestre. Mesmo se geralmente há certa progressão de um grau a outro, no caso de Mestre Fantasma seu primeiro grau reconhecido publicamente por seu mestre foi o de mestre de capoeira.

de outros mestres e capoeiristas tendo longa experiência da prática e um bom nível de capoeira confirma a validade do grau alcançado pelo novo mestre. Seria possível compreender com Csordas, no caso da prática da capoeira, que “o local do sagrado é o corpo, porque o corpo é o terreno existencial da cultura” (CSORDAS, 1990, p. 39)<sup>20</sup>. Assim, na capoeira a transformação do corpo do capoeirista naquele de mestre de capoeira se opera pela presença de outros capoeiristas que validam o espaço de consagração através do reconhecimento ao novo grau tornado público e, não menos importante, pela presença de outros capoeiristas que testemunham através de seus corpos seu aprendizado da capoeira bem como seu pertencimento a determinada linhagem ou grupo. A consagração deste capoeirista e sua transformação em mestre de capoeira se opera nas disposições pré-estabelecidas que conferem sentido à consagração, ou seja, para se tornar mestre é preciso primeiramente ser reconhecido por seu mestre e em seguida por seus pares.

Fantasma explica que Marrom desejava lhe dar o título no Brasil, mas como ele não teve a possibilidade de ir, o momento do reconhecimento havia chegado eles se encontraram para isso em julho de 2010. Marrom o reconheceu mestre durante uma roda na Finlândia. Mestre Acordeon, Contramestre Dourado, Carcará, Forró e outros capoeiristas próximos do grupo de Marrom estavam presentes na roda. A apresentação de Fantasma como mestre de capoeira aconteceu em seguida em Londres. Apesar disso, Marrom ainda desejava confirmar a condição de Mestre de Fantasma no Brasil e, por isso, Fantasma planejava uma viagem em novembro de 2012.

O fato de conceder este título no Brasil confere ainda mais valor simbólico a ele, pois no mercado da capoeira se trata de uma consagração no “berço” da prática, o que contribuiria para afirmação de sua condição de mestre. É, portanto, necessário se confirmar no Brasil aquilo que já havia sido feito na Europa. Assim, o lugar de concessão do título de mestre adquire um sentido

<sup>20</sup> Em seu artigo Csordas (1990) debate questões ligadas ao sagrado no domínio da experiência religiosa e faz uma crítica às explicações baseadas na dicotomia corpo-mente. Para o autor, o que pode se classificado como sagrado, são as evocações em ritual das disposições pré-orquestradas que lhe conferem sentido. (Idem, p.39) Deste modo, no caso da capoeira, o aprendizado está inscrito no corpo dos capoeiristas e a consagração de um capoeirista e sua transformação em mestre de capoeira se opera pelo reconhecimento ritual pelos pares e a consequente transformação do praticante ordinário em mestre de capoeira.

especial para os capoeiristas, porque a sua inscrição em um “lugar tradicional” se mostra primordial. Além disso, a presença de outros mestres brasileiros convidados aos encontros fora o Brasil cria um “lugar simbólico” no qual o reconhecimento o novo mestre se torna possível.

A roda de capoeira, onde o reconhecimento da parte de seu mestre se torna público, é tornada possível graças à presença de outros capoeiristas que portam em última instância, inscrito em seus corpos, nas suas formas de realizar os movimentos e em seus cantos, o testemunho de seus lugares de origem. Eles levam para a roda estes saberes e participam conjuntamente da criação de um “lugar” que se termina no grito de “Iê” que marca o final da roda. Este “lugar” efêmero produz efeitos duráveis na criação de significados que vão modificar a prática dentro do grupo e suas relações com outros grupos.

Fantasma compreendeu que o fato de ter sido reconhecido enquanto mestre era importante para certas pessoas enquanto outras não o aceitavam. Ele acrescenta que existem pessoas que dizem que ele não é reconhecido enquanto mestre na Bahia. Entretanto, recentemente em Berlim ele afirma ter sido muito bem recebido na ocasião de um evento organizado por Mestre Rosalvo, representante de uma linhagem da capoeira angola da Bahia naquela cidade. Fantasma conta ter hesitado, num primeiro momento em aceitar o convite, porque este evento contaria com a presença daquele que é considerado por muitos atualmente como o maior mestre de capoeira angola em atividade, Mestre João Grande, vindo expressamente de Nova Iorque e outros como Cobra Mansa da Fundação Internacional de Capoeira angola.<sup>21</sup> Ambos se estimam os “guardiões” da modalidade de capoeira angola. Fantasma conta que ele receava um pouco este momento, mas que ele fora muito bem recebido entre os decanos da capoeira, reafirmando assim seu novo estatuto.

---

<sup>21</sup> Sobre a Fundação Internacional de Capoeira Angola ver Ferreira, (2004) e Vassalo, (2005).

## Ser “branco”, inglês e mestre de capoeira

Some people, they want to be, to learn with someone who learned capoeira in Brazil and who is Brazilian. I had a very funny phone call once from someone that teaches in France. He rang up and said: “I’ve got a very big problem Simon (he is a Brazilian). I am white!” I said why does it matter? - Because if you want to run a business, you run a business better if you wear dreadlocks and you’re big and black because then you can represent! You can attract more people to your group. I mean that what he said. I didn’t say that! I kind of understand that an English person would attract different people to train with them than a Brazilian person. I attract We, the English people even black or Jamaican or whatever.... They are very British, they went to school here, they understand me and they respect me. They wouldn’t go to another group. They probably would not go to a Brazilian. I’ve got a piece of the market that no one would get. Does it make sense? So, on one side there are some difficulties, but on the other side, you’ve got your own niche. I have my own place to attract students.<sup>22</sup>

Se a apropriação da capoeira feita por Fantasma é diferente daquela de seus colegas brasileiros ele considera que o fato de ser britânico, de não ter o estereótipo dos capoeiristas negros e com *dreadlocks*, constitui uma vantagem face aos seus concorrentes. Fantasma aposta sobre sua diferença e a considera uma vantagem para atrair aqueles que, como ele, desejam uma prática melhor adaptada ao contexto local.

Fantasma possui seu próprio grupo de alunos, certamente pouco numeroso, mas que compreende um núcleo de seis ou sete praticantes regulares, aos quais se somam alunos periféricos que vêm treinar de forma intermitente e que gravitam em torno do grupo. Visitar seu grupo foi uma experiência singular, porque

<sup>22</sup> Trad.: “Algumas pessoas querem estar, querem aprender com alguém que aprendeu capoeira no Brasil e que é brasileiro. Eu recebi um telefonema muito engraçado de alguém que ensina capoeira na França. Ele ligou e disse: “Eu tenho um grande problema Simon (ele é brasileiro). Eu sou branco!”. Eu disse: por que isso importa? – Porque se você quer ter seu negócio, você consegue fazer isso melhor se você usa dreadlocks e se você é grande e negro, porque assim você pode representar! Você pode atrair mais gente para seu grupo. Isso foi o que ele disse. Eu não disse isso. Eu entendo que uma pessoa inglesa vai atrair um público diferente que um brasileiro. Eu atraio “nós”, o povo inglês, mesmo negros ou jamaicanos, ou o que quer que sejam... Eles são muito britânicos eles foram à escola aqui eles me entendem e me respeitam. Eles não iriam para outro grupo. Eles provavelmente não iriam treinar com um brasileiro. Eu tenho minha parte do mercado, que ninguém tomaria. Isso faz sentido? Então de um modo existem dificuldades, mas de outro, você tem seu próprio nicho. Eu tenho meu próprio espaço para atrair meus estudantes”.



pela primeira vez eu me senti como um estrangeiro em um grupo de capoeira. Mestre Fantasma me acolheu no seu espaço em Hackney, um distrito da Grande Londres, localizado na zona leste da cidade, no meio de um grande conjunto de apartamentos populares. A aula se desenvolvia normalmente para uma aula de capoeira: aquecimento, movimentos, sequências individuais e movimentos dois a dois.

Ao final, uma pequena roda é improvisada. Nada de estranho, salvo que, ao final da roda, no momento de discutir sobre o treino, Fantasma começou a contar aos seus alunos as histórias de suas viagens ao Brasil e seu ponto de vista sobre os brasileiros. Foi neste momento que percebi que a perspectiva era completamente diferente, que era eu ali o estrangeiro, o brasileiro que para os capoeiristas não brasileiros representa uma forma de rival em sua luta para se impor neste universo. Fantasma contava, com um humor tipicamente inglês, suas aventuras no Brasil. Seus alunos escutavam atentamente, sem me poupar de seus risos e piadas sobre o *Brazil* e *the Brazilians*...

**Imagem SEQ Imagem \\* ARABIC 3:**



*Roda em Reading, junho de 2011*

O grupo de Fantasma me fez compreender que ele representa o terceiro momento do processo de transnacionalização da capoeira e o futuro de uma das formas de apropriação da capoeira neste processo, aquela do praticante local que se apropria da capoeira e a pratica a sua maneira. Neste sentido, Mestre Fantasma é um intérprete da capoeira porque ele descobre novas formas de torná-la inteligível para seus compatriotas. É gozando de uma liberdade mais expressiva que aquela dos brasileiros, que ainda estão ligados ao seu país de origem e às “tradições” da prática, que Mestre Fantasma tem a possibilidade de utilizar sua criatividade para exercer sua capoeira. Esta liberdade criativa se exprime primeiramente pela escolha do espaço de sua roda mensal: um pub inglês onde ele realiza o que ele chama de “*urban ritual*”. Sua liberdade criativa se exprime também na ausência de uniforme para treinos e rodas. Claro que ele não é o único a não adotar uniforme, mas em seu grupo, o fato de não ter obrigatoriedade do uso de uniforme se liga a uma questão identitária, de se diferenciar daqueles que o utilizam. Sua criatividade se exprime também em sua forma particular de tocar o berimbau ou na supressão do atabaque do conjunto de instrumentos ordinariamente utilizados e, finalmente, pelo fato que ele não se sinta tocado pela africanidade da capoeira, mas somente pela brasilidade desta prática.

A apropriação da capoeira por Fantasma também tem implicações sobre sua visão desta prática. Diferente de tantos outros mestre e grupos que se identificam como praticantes da capoeira “tradicional” – e que estabelecem relações diretas entre a prática da capoeira, a África ou a africanidade – Fantasma afirma não acreditar que a capoeira tenha atualmente alguma relação com a África:

My links are with Brazil. I don't believe that the capoeira we play today came from Africa. It was influenced by Africa, it was African people actually, probably who created something new in Brazil because you don't see any evidence that the capoeira and the berimbau have been linked before Brazil. Capoeira as we play today, the kind of game [...] where you sing in Portuguese, why would you sing in Portuguese if it's African? My links are with Brazil. I have a great respect for Africa, but I don't try to link it with Africa directly. I have an African Drum teacher and he talks about his drumming is from Africa. He is white

and I love what I learn. I just love that! But capoeira is connected with Brazil, not Africa.<sup>23</sup>

O relato de Fantasma mostra que podem existir formas de apropriação da capoeira vistas como “tradicionais”, onde a África adquire um papel secundário na criação de significados simbólicos, o que acarreta certamente o questionamento de sua legitimidade por aqueles grupos e mestres que, na disputa por este mercado, se estimam mais “tradicionais” e afirmam sua autenticidade através da ligação com a “África mítica” como nos casos dos grupos estudados por Vassalo (2005). A apropriação feita por Simon, de acordo com sua história de vida, transforma a capoeira em um produto associado ao Brasil, onde os africanos teriam criado algo completamente novo sem relação necessária com a África.

Os dias passados com Fantasma e seu grupo me permitiram ver que mesmo se ele afirma que sua ligação é com o Brasil esta ligação é, primeiramente, pensada com relação ao seu mestre. Na realidade, o compromisso de Fantasma é antes de tudo com uma prática urbana reapropriada e resignificada em Londres. Esta prática, que convém ao seu estilo de vida, constitui uma verdadeira tradução da prática brasileira em Londres.

### **O relato dos alunos de Mestre Fantasma**

Quando interrogamos os alunos de *Mestre Fantasma* sobre sua escolha de treinar com um *mestre* não brasileiro eles respondem que Fantasma possui sua própria percepção da capoeira e que, além disso ele não pretende partir ou voltar definitivamente para seu país de origem como os *mestres* brasileiros. Concluindo, Fantasma quer viver sua vida e ensinar aos alunos de Londres enquanto os mestres brasileiros estariam mais interessados pelo ganho de dinheiro em Londres para em seguida voltar para o Brasil.

<sup>23</sup> Trad.: “Minha ligação é com o Brasil. Eu não acredito que a capoeira que jogamos hoje tenha vindo da África. Ela foi influenciada pela África, foi provavelmente o povo africano que criou algo novo no Brasil porque você não encontra nenhuma evidência que a capoeira e o berimbau tenham estado ligados antes do Brasil. A capoeira como jogamos hoje é um tipo de jogo onde você canta em português, por que cantamos em português se é africano? Minha ligação é com o Brasil. Eu tenho um grande respeito pela África, mas não tento associar a capoeira diretamente com a África. Eu tenho um professor de percussão e ele fala que sua percussão é da África. Eu gosto disso! Mas a capoeira é conectada com o Brasil e não com a África”.

## SJ

SJ começou a capoeira com *Mestre Fantasma* há seis anos. Nascido na Jamaica ele vive em Londres há 20 anos e se identifica como *Londoner*.<sup>24</sup> Para SJ existem muitas vantagens de treinar com Fantasma:

I think in a way it's easier. What I've seen is that it helps that he speaks English in a country that speaks normally English because I think that's important. It's when you teach in England and you find English difficult, then I think you have trouble. I don't think the fact that he is English and not Brazilian is important from the teaching perspective. I think where he's gotten wise is the fact that he speaks Portuguese and has connections in Brazil, so we are still linked. We still have links with Brazil. We never thought that what we have in London is here. We always have to look back to what's going on in Brazil. We are always aware that Brazil is something very important. We always make a way to find that Brazil is important and we have to look for what's going on there.<sup>25</sup>

Como ele explica, o grupo mantém ligações com o Brasil, que permitem deste modo que a sua capoeira permaneça em contato com a “fonte”. Esta perspectiva está de acordo com as ideias de Fantasma, na resposta de SJ não existe referência à África ou qualquer influência deste continente na capoeira que eles praticam em Londres. Ele acrescenta que ser inglês é importante para a comunicação e para o processo de ensino da capoeira e afirma que se o mestre não sabe falar inglês ele pode ter dificuldades. Para ele é importante ser local e guardar contato com a fonte, o fato que Fantasma fale português preserva a conexão do grupo com o Brasil e confere legitimidade à sua prática. Certamente que a nacionalidade do entrevistador pode ter influenciado sua resposta estar

<sup>24</sup> A palavra “Londoner” faz referência ao habitante de Londres e seus subúrbios, sem que seja considerado o país de origem, deste modo um imigrante pode se considerar um Londoner. Esta palavra traduz uma identificação de pertencimento urbano que desvenda um certo estilo de vida associado a uma atitude descontraída e positiva.

<sup>25</sup> Trad.: “Eu penso que em um certo sentido, é mais fácil. Daquilo que pude constatar, é que isso ajuda, de falar inglês em um país anglófono eu penso que é importante. É quando você ensina na Inglaterra e você tem dificuldades com o inglês que, do meu ponto de vista, você tem problemas. Eu não acho que o fato que ele seja inglês e não brasileiro seja importante do ponto de vista do seu ensino. Eu acho que ele é esperto porque ele fala português e tem conexões com o Brasil. Nós nunca pensamos que o que temos em Londres é aqui, é preciso sempre se virar para ver o que se passa no Brasil. Nós somos conscientes que o Brasil é algo muito importante. Nós fazemos sempre de modo a assinalar a importância do Brasil e nós devemos nos interessa ao que se passa por lá”.

frente a alguém que veio do Brasil e que está pesquisando a capoeira de Londres pode pesar sobre o testemunho, no sentido em que a importância das ligações com o Brasil sejam reforçadas como meio de garantir e afirmar sua legitimidade e de seu grupo. Seu colega Nathan oferece outra perspectiva.

## Nathan

Para Nathan, aluno avançado que começou a praticar a capoeira em 2001 na Nova Zelândia e que no momento desta pesquisa residia em Londres, a escolha de treinar com Fantasma desde sua chegada foi uma escolha pessoal e lógica:

I was interested in capoeira angola and one of the reason is that he was the main person who was staying here teaching it week-ends and weekdays whereas other people were somewhat wanting to teach capoeira angola, were doing it but not necessarily teaching it. I've always been interested in playing the berimbau and when I saw that I just wanted to be close to that, there was some other mestres, but they were here for short period of time, travelling and there weren't dedicated to staying here, so when I decided - Oh well I am going to be here for some time or whatever, it was a logical choice.

And I thought one of the interesting things is that it's always interesting to understand someone else's interpretation because obviously he's been doing capoeira for a long time and he has his vision and viewpoint of what is this and what is that. Sometimes it's easier to understand by the pure fact that he's English because we speak the same language, but on the other hand no. It's not a problem for me. We always have received many other mestres from many different places.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Trad.: "Eu estava interessado na capoeira angola e uma das razões, é que ele era a principal pessoa na cidade que dava aulas nos finais de semana e durante a semana enquanto outras pessoas davam aulas tentavam um pouco, praticavam, mas não ensinavam verdadeiramente capoeira angola. Eu sempre estive interessado pelo berimbau e compreendi que eu queria me aproximar disto. Tinha outros mestres mas eles ficavam por um curto período de tempo eles viajavam e não os interessava permanecer aqui. Foi quando eu me decidi - Bem eu vou ficar um bom tempo aqui nunca se sabe, foi uma escolha lógica. E eu pensei, uma das coisas interessantes é que é sempre interessante compreender a interpretação dos outros, porque evidentemente ele faz capoeira há muito tempo e ele tem seu ponto de vista sobre o que é isso ou aquilo... Às vezes, ele é mais fácil de compreender porque ele é inglês porque nós falamos a mesma língua, mas por outro lado não, mas não é um problema para mim. Nós sempre recebemos um grande número de mestres de diversos lugares diferentes".

O que sobressai no relato de Nathan é que sua escolha se explica pela presença local e constante de seu mestre. Ser britânico é considerado como ponto positivo que pode auxiliar na compreensão da capoeira, uma vez que eles falam a mesma língua, neste sentido, ter um mestre inglês nunca foi um problema para Nathan, pelo contrário. Além disso, para ele Fantasma não faz “comércio” com a capoeira, isto o distingue de seus concorrentes brasileiros:

We don't do that because Fantasma has got quite a simple policy. You pay for the class and you come to the class. He wants a committed student rather than money. He wants you to be there training, go home, doing your homework, play the songs. No we don't pay for the t-shirt. We don't pay for the uniform. In fact, we don't really have uniforms, we have got t-shirts. We only wear it when it's an important occasion, a public thing or when we visit other group, but generally most people already know who we are, what we do already. We just say this is our t-shirt. We don't have a commercialization of capoeira. It's not really Simon's stuff.<sup>27</sup>

Segundo Nathan, a capoeira de seu mestre é diferente. Ele não exige uniforme, também não faz seus alunos pagarem por ele. Nos grupos que exigem uso de uniforme, a venda de camisetas e calças de capoeira se tornam uma importante fonte secundária de recursos para os mestres. Principalmente quando elas são fabricadas no Brasil e revendidas em Libras no Reino Unido com generosas margens de lucro.

Para reforçar seu ponto de vista da ruptura com uma prática comercial e lucrativa ele acrescenta que os capoeiristas em Londres devem se preocupar com a prática local, sem serem obrigados a estarem ligados ao Brasil ou mesmo à capoeira praticada por Brasileiros:

<sup>27</sup> Trad.: “Nós não fazemos isto porque Fantasma tem uma política muito simples, você paga pelo curso e você vem ao curso. Ele quer um aluno comprometido ao invés de dinheiro. Ele quer que você esteja nos treinos, que você vá para casa e que faça seu tema de casa, que você ensaie as canções. Não, nós não pagamos pelas camisas, não pagamos pelo uniforme, na verdade, não temos realmente um uniforme, temos camisas. Colocamos elas somente em ocasiões importantes, um evento público ou quando visitamos outros grupos. Mas em geral, a maior parte das pessoas sabe quem somos, o que já fazemos. Nós apenas dizemos é nossa camisa. Não fazemos comércio com a capoeira. Esta não é a coisa Simon”.

But there are also people in London who believe in their capoeira and what they are doing here now and they don't feel so strongly to bring someone over. Oh it's great to have João Grande here. I mean it's great! He's the biggest reference in capoeira isn't he? But some people think what's better to do? Clean your own house or pay a cleaner to come and clean the house? Some people think it's better and that's the difference. Sometimes, it's about how people perceive these types of things. What's your priority? Are you here? Let's focus here! Let's do this here! Don't worry about Brazil! Don't worry about these other things. It's here man! We're here now! So that's a different approach to it and some people have got their balance very well, some things Brazil, some things the UK.<sup>28</sup>

O relato de Nathan testemunha o desejo de se distanciar do Brasil, de se voltar para uma capoeira de Londres, produzida e alimentada por pessoas que moram na cidade e que praticam a capoeira. Claro esta distância se dirige também a outros que querem lucrar com a capoeira e aos brasileiros que fazem da capoeira seu meio de vida e se proclamam os legítimos detentores do saber e das “tradições” da capoeira, seu depoimento deixa claro as tensões que atravessam as disputas por poder e prestígio dentro do mercado local em que os não brasileiros devem negociar sua inserção, legitimidade e permanência. A ruptura proposta por Nathan explica o desejo de se apropriar de uma prática estrangeira e de transformá-la em uma prática relocada, neste caso em Londres e apropriada por praticantes locais, livrando a prática do domínio indesejado dos brasileiros com os quais disputam seu lugar como praticantes legítimos.

---

<sup>28</sup> Trad.: “Mas também existem pessoas em Londres que acreditam na sua capoeira e no que eles estão fazendo aqui e agora. E eles não tem muita vontade de trazer pessoas de fora. Sim é genial ter Mestre João Grande aqui. Eu quero dizer que é genial ele é a maior referência na capoeira, não é? Mas algumas pessoas pensam: O que é melhor fazer? Limpar sua própria casa ou pagar alguém para limpá-la? Alguns pensam que o melhor é a diferença, as vezes é o modo como as pessoas percebem este tipo de coisa. Qual é a prioridade? Nós estamos aqui? Vamos nos concentrar aqui! Vamos fazer aqui Não se preocupe com o Brasil, não se preocupe com estas outras coisas. Nós aqui cara! Nós estamos aqui agora! Então é uma abordagem diferente e algumas pessoas encontram muito bem o equilíbrio, uma parte Brasil, outra Reino-Unido”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Fantasma constitui o terceiro momento da expansão da capoeira fora do Brasil, ou seja, o do praticante que se apropria da prática e que opera uma tradução ao contexto local. O fato de se tornar mestre, segundo Fantasma, é devido à relação privilegiada que ele mantém com seu mestre. O que coloca em evidência a necessidade de se submeter ao controle de um mestre brasileiro que valide sua condição de praticante legítimo de capoeira. É através do reconhecimento do estatuto individual tornado público e confirmado por um mestre legítimo que se opera o controle da expansão da prática da capoeira fora do Brasil. Deste modo, aqueles que não podem comprovar tais ligações encontram sérias dificuldades de se impor neste mercado.

Com relação aos seus alunos é evidente a importância do pertencimento a uma escola de capoeira e a um mestre legítimo. Os elos com o Brasil sendo mais importantes para alguns do que para outros. O que os relatos deixam claro é que cada vez mais existe a busca de uma prática adaptada ao contexto local, neste sentido, a apropriação feita por Fantasma e seus alunos demonstra que os praticantes locais são e foram muito importantes desde o princípio da expansão da capoeira. Eles também devem ser reconhecidos como ativos promotores da expansão e desenvolvimento da prática da capoeira na atualidade.

O caso de Fantasma e seu grupo demonstra que a desterritorialização, associada ao transnacional, faz com que outros tipos de apropriação da capoeira se tornem possíveis, neste sentido, novos discursos que colocam ênfase na brasilidade da capoeira podem ser acionados dentro do mercado local da capoeira no sentido de reivindicar a legitimidade dentro da modalidade de capoeira angola, num contexto onde o significante “afro” desempenha um papel secundário na criação de significado, abrindo novas maneiras criativas de apropriação simbólica da prática da capoeira.



## BIBLIOGRAFIA

1. ACETI, Monica. Ethnographie multi-située de la capoeira : de la diffusion d'une pratique "sportive" afro-brésilienne à un rituel d'énergie interculturel. *Ethnographiques.org* [en ligne]. Septembre 2010, n° 20 [consulté le 20/10/2010]. Disponible em <<http://www.ethnographiques.org/./2010/Aceti>>.
2. \_\_\_\_\_. Devenir et rester capoeiriste en Europe. Transmissions interculturelles et mondialité de la capoeira Afro-Brésilienne. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) Université de Franche Comté, Besançon, 2011.
3. APPADURAI, Arjun. Putting Hierarchy in Its Place. *Cultural Anthropology*, 1, p.36-49, 1988.
4. ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Martial Art*. London: Routledge, 2005.
5. BOURDIEU, Pierre. *Questions de Sociologie*. 2. Ed. Paris: Éditions de Minuit, 2002 [1982].
6. BOURDIEU, Pierre. *Langage et Pouvoir Symbolique*. 2. Ed. Paris : Seuil, 2001 [1991].
7. CAPONE, Stefania. Religions en migration: De l'étude des migrations internationales à l'approche transnationale ». *Autrepart*, 4, n.56, p.235-259, 2010.
8. CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos*, 18, n.1, p.5-47, 1990.
9. CSORDAS, Thomas J. *Body/Healing/Meaning*. New York: Palgrave/Macmillian, 2002.
10. FERREIRA, Daniel Granada da Silva. Brasileiros nos Estados Unidos: capoeira e identidades transnacionais. Universidade Federal do Rio de Janeiro : 2004.
11. \_\_\_\_\_. *La capoeira du Brésil à Paris*. DEA : Paris III Sorbonne Nouvelle, Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine : 2005.
12. \_\_\_\_\_. Adaptação em Movimento : O processo de "transnacionalização" da capoeira na França. *Revista Antropolítica*, 2008, n° 24.
13. \_\_\_\_\_. A capoeira do Brasil até Paris: redes sociais, transformações e adaptações da prática da capoeira no Brasil e na França. V Congresso europeo CEISAL [en ligne]. 2007. Disponible em <<http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/MS-MIG/MS-MIG-2-Granada.pdf>>
14. \_\_\_\_\_. Les Mestres les groupes et les lieux dynamiques : identité et relocalisation de la capoeira à Paris et à Londres. Tese (Doutorado em etnologia e história). Université de Paris Ouest Nanterre La Défense / University of Essex, Nanterre, 2013.
15. \_\_\_\_\_. *La pratique de la capoeira à Paris et à Londres*. Harmattan, Paris, 2015.

16. GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. *Anthropological Quarterly*, 68, n.1, p.48-63, 1995.
17. GLICK-SCHILLER, Nina; LEVITT, Peggy. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society. *International Migration Review*, 38 n.3, p.1002-1039, 2004.
18. GLICK-SCHILLER, Nina. A global perspective on transnational migration: Theorising migration without methodological nationalism. *Diaspora and Transnationalism* / ed. por FAIST, Thomas; BAUBÖCK, Rainer. Amsterdam: Amsterdam University Press, p.109-130, 2010.
19. GRAVINA, Heloísa. *Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
20. GUIZARDI, Menara Lube. *Todo lo que la boca come. Flujos, rupturas y fricciones de la capoeira en Madrid*. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidad Autonoma de Madrid, Madrid, 2011.
21. \_\_\_\_\_. Para pensar las redes transnacionales: itinerarios e historias migratorias de los capoeiristas brasileños en Madrid. *Vibrant*, Brasília, v. 10, n. 2, Dec. 2013.
22. JOSEPH, Janelle. Going to Brazil': transnational and corporeal movements of a Canadian-Brazilian martial arts community. *Global Networks*, vol.8, nº2, p.194-213, 2008.
23. \_\_\_\_\_. The Logical Paradox of the Cultural Comodity: Selling an "Authentic" Afro-Brazilian Martial Art in Canada. *Sociology of Sport Journal*, 2008 (a), vol. 25, p.498-515, 2008.
24. LENCLUD, Gérard; MAUZÉ, Marie. Prestige. *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Pierre; IZARD, Michel(org.). Paris: Presses Universitaires de France, 2004, p.600.
25. MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, p.95-117, 1995.
26. \_\_\_\_\_. Au-delà de Malinowski et après Writing Culture: à propos du futur de l'anthropologie culturelle et du malaise de l'ethnographie. [S.I]: *Ethnographiques.org*, 1, 2002. Disponível em: <<http://www.ethnographiques.org/2002/Marcus.html>>. Acesso em: 22 jun.2012.>
27. MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus, 1994.
28. MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos – um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

29. PENHA, Marcelo Montes. African Heritage and National Representation: Two cases of Brasilidade in New York City. *Raízes e Rumos*, vol.7, p.372-388, 2001.
30. REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (org.). *Cenas de um Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.
31. RIBEIRO, Gustavo Lins. 'O que faz o Brasil, Brazil: Jogos identitários em São Francisco'. In: Reis, R. R; Sales, T. (orgs.) *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo: p.45-85, 1999.
32. SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
33. THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past*. 2. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
34. TRAVASSOS, Sonia Duarte. *Capoeira, difusão e metamorfoses culturais entre Brasil e Estados Unidos*. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
35. VASSALLO, Simone Pondé. *Ethnicité, tradition et pouvoir: le jeu de la capoeira à Rio de Janeiro et à Paris*. Tese (Doutorado em Antropologia)-École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2001.
36. \_\_\_\_\_. *La Capoeira Angola*. Cahiers du Brésil Contemporain, Paris, n. 49/50, p.69-85, 2002.
37. \_\_\_\_\_. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "autêntica". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 106-124, 2003.
38. \_\_\_\_\_. As novas versões da África no Brasil: A busca das "tradições africanas" e as relações entre capoeira e candomblé. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, Vol. 25, nº 2, p. 161-188, 2005.
39. \_\_\_\_\_. O Registro da capoeira como patrimônio imaterial, novos desafios simbólicos e políticos. *Educação Física em Revista*, vol. 2, n. 2, 2008.
40. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, 8, n.1, p.113-48, 2002.